



## Minguiriba: a arte de viver da fé

## Minguiriba: The art of living by faith

Francisca Eugenia Gomes Duarte<sup>1</sup>

Josineide Silveira de Oliveira<sup>2</sup>

### Eixo Temático 8: III Fórum das Bibliotecas de Artes

**Resumo:** A seguinte pesquisa realizada na Chapada do Araripe, região Sul do Estado do Ceará, tem como objetivo contribuir para a valorização da cultura popular de natureza oral, presente nas narrativas orais da comunidade rural do Sítio Serra da Minguiriba, como elemento fundamental de parte do repertório cultural dessa comunidade. Identifica, representa e analisa alguns itens do repertório de literatura oral que constituem o imaginário social da comunidade investigada vislumbrando sua importância para a formação da identidade cultural bem como para o despertar do sentimento de pertencimento de comunidades que habitam na Chapada do Araripe no contexto atual. A pesquisa, viabilizada através de entrevistas com idosos remanescentes dos romeiros fundadores da comunidade Minguiriba foi realizada através da Metodologia da História Oral e é desenvolvida junto ao Doutorado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) através de estudos da Complexidade motivados pelo pensamento complexo de Edgar Morin. Este estudo foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Cariri, através da Plataforma Brasil sob parecer de nº 2.262.248 em 06/09/2017, avaliada pela Comissão e aprovada em 21/08/2017.

**Palavras-chave:** Literatura Oral; Memória e Identidade; Comunidade Minguiriba.

**Introdução:** A lição passada por Edgar Morin instiga a valorizar todas as formas de educação, cultura e arte e a respeitar todo o conhecimento humano, seja ele adquirido de modo formal ou informal. Partindo do pré suposto que “Todas as culturas têm virtudes, experiências, sabedorias, ao mesmo tempo que carências e ignorâncias” (MORIN, 1999, p. 77), e que “É no encontro com o seu passado que um grupo humano encontra energias para enfrentar o presente e preparar seu futuro” (MORIN, *ibid* p. 77). Com essa consciência, emprestei meus ouvidos à comunidade Minguiriba, cujos fundadores foram enviados para a Chapada do Araripe, pelo Padre Cícero, há quase 150 anos, em busca dos saberes compartilhados através das gerações pelo poder da palavra. O ambiente em que vive a manteve invisibilizada e ignorada, pelo poder público e pela sociedade durante muito tempo. Sem acesso aos programas de educação, saúde, transporte, cultura e lazer, que são direitos

<sup>1</sup> Francisca Eugenia Gomes Duarte, professora da Universidade Regional do Cariri, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEd – UFRN.

<sup>2</sup> Josineide Silveira de Oliveira, professora do PPGEd UFRN; orientadora da pesquisa em questão.



básicos de todo cidadão, através de seus próprios meios de resistência vive até hoje na Floresta.

De acordo com Tomás, “Quando um sujeito se sente invisível tem o sentimento de não ter um valor positivo para os outros e para a sociedade” (2012, p. 5). O indivíduo pode ser invisível a nível afetivo e/ou jurídico e/ou social. Assim, a invisibilidade não é uma categoria social, mas uma situação ou uma realidade da qual emerge o sentimento de “desprezo social” (HONNETH, 2004).

Este estudo apazigua o sentimento de invisibilidade social que acompanha a Comunidade Minguiriba ao longo do século, pelo fato de a ela ter sido negado o direito de existir enquanto povo, com sua cultura. Neste sentido, justifica-se no fato de que o conhecimento registrado recupera, através da Metodologia da História Oral e do cinema etnográfico, a história desconhecida da comunidade rural do Sítio Serra da Minguiriba, ocultas na memória dos idosos, e revela a identidade e o cotidiano representado pela memória coletiva dos moradores.

No decorrer do estudo objetivamos investigar as *práticas de representação culturais*<sup>3</sup> da comunidade rural do Sítio Serra da Minguiriba, Floresta Nacional do Araripe (FLONA), responsáveis pela formação da memória e identidade coletiva local; identificar o *repertório memorialístico histórico*<sup>4</sup> presente nas práticas cotidianas locais, além de analisar algumas narrativas históricas e manifestações culturais presentes nos arquivos orais da pesquisa, bem como contexto contemporâneo da comunidade.

**Fundamentação teórica:** Na definição de Morin o conceito complexo é atribuído quando “Sentimos que aspectos diversos, ou seja, contraditórios, estão ligados, mas sem que possamos percebê-los. Para nós tudo é incerteza e confusão” (MORIN, 2010, p.189). Há tema mais complexo do que a forma como a vida se organiza ao longo do tempo? oi somente o ABC do Sertão, do nosso vizinho Luís Gonzaga, Rei do Baião, que, inconscientemente tornou-se professor do povo da floresta e de tantos recantos do mundo cantando: “Lá no meu sertão, pro caboclo ler, tem que aprender, outro ABC. O jota é Ji e él é lê, o ésse é si, mas o érre tem nome de rê [...] A, bê, cê, dê, fê, quê, lê, mê, nê, pê, quê, rê, tê, vê e zê”. Porém, não é somente através de música e poesia que os Minguiribenses constroem a sua identidade cultural ao longo do século.

Ouvimos desde cedo a expressão que categoricamente afirma que “A vida é uma escola”, e, muitas vezes a única. E, nesses casos, o conhecimento coletivo se agrega a existência das comunidades através das situações compartilhadas no cotidiano. Em alguns lugares ermos, como no sítio Minguiriba, é através da oralidade, veículo de incontestável importância quanto a perpetuação da história da humanidade, que os saberes são repassados de pai para filho. Durante séculos a linguagem oral foi o único meio de transmissão do conhecimento. Emissor e receptor, falantes do mesmo idioma, precisavam compartilhar o mesmo espaço temporal e espacial para que houvesse a possibilidade de que os saberes fossem

<sup>3</sup> Ao dizer “práticas de representação cultural”, me refiro a todas as atividades cotidianas da comunidade: trabalho, lazer, festejos religiosos, educação, etc. responsáveis pela formação das memórias e da identidade cultural da comunidade.

<sup>4</sup> Chamo de repertório memorialístico histórico memórias individuais e coletivas que se conservam ao longo do século através da oralidade e possibilitam a restituição de fatos históricos negados pela historiografia oficial.



repassando de geração em geração. Aqui nos parece bem claro que “a escrita e a informática não são os únicos códigos de expressão do pensamento da cultura. Há outros alfabetos por vezes em desuso pelos portadores da cultura científica e acadêmica e as narrativas orais bem podem ser entendidas como alfabeto da alma” (ALMEIDA, 2017, p.82).

Segundo Almeida (2017, p.58), “no âmbito da cultura científica, sistemas simbólicos, rituais e imaginários se inter cruzam e servem para lidar com os fenômenos do mundo”. A análise desses eventos, quando realizada por meio de práticas interdisciplinares, abre espaço para a investigação do fantástico e do incompreensível. No círculo cultural, fenômenos que podem ser considerados sobrenaturais, são mais simples de serem explicados pelo imaginário popular. Dessa forma a imaginação do povo acrescentou novas narrativas e fez reverberar seus saberes através da tradição oral.

O conceito de que a tradição oral é o conhecimento passado de boca a ouvido ao longo dos séculos e de que o contador de histórias é o “Guardião dos segredos da Gênese cósmica e das ciências da vida, o tradicionalista, geralmente dotado de uma memória prodigiosa, normalmente também é o arquivista de fatos passados transmitidos pela tradição, ou de fatos contemporâneos” (HAMPÂTÉ BÂ 2010, p.175). Nesse sentido, “A vida de um guardião de histórias é uma combinação de pesquisador, curandeiro, especialista em linguagem simbólica, narrador de histórias, inspirador, interlocutor de Deus e viajante do tempo” (ESTÉS, 1998, p.4). A junção das vozes que aqui apresento, mantiveram viva a cultura da comunidade e contribuíram para a formação e manutenção da história e para a formação da identidade cultural do povo da floresta.

**Método da pesquisa:** Esta pesquisa foi realizada em duas fases a primeira durante o mestrado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri - UFCA e a segunda durante o curso de doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN.

A comunidade rural do Sítio Serra da Minguiriba, na Chapada do Araripe, Floresta Nacional do Araripe - FLONA, Crato-Ceará, é composta, em sua maioria por moradores ágrafos, descendentes dos romeiros fundadores que chegaram à Chapada enviados pelo Padre Cícero Romão Batista<sup>5</sup> no ano de 1904. Trata-se de um estudo qualitativo, bibliográfico e documental que foi realizado através da metodologia da história oral e do método do cinema etnográfico.

Na primeira fase do estudo foram feitas filmagens da comunidade para a composição das cenas do documentário Minguiriba. O local do estudo é situado na Floresta Nacional do Araripe – FLONA – Crato, Estado do Ceará. Na época o Sítio Minguiriba era composto por 287 moradores distribuídos em 87 famílias. Entrevistamos 18 sujeitos, incluindo 3 líderes locais, com idades entre 45 e 93 anos, membros das 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup> gerações de fundadores da comunidade. Dentre estes apenas dois líderes não são nativos locais. Os traços citados serviram de critérios para a escolha dos entrevistados. Foram coletadas entrevistas extras de outros

<sup>5</sup> Padre Cícero Romão Batista (1844 - 1934), natural da cidade de Crato, é uma figura importante no contexto social, político e religioso do Século XIX no Ceará e no Nordeste. O “padrinho dos romeiros” e Patriarca de Juazeiro do Norte, uma das maiores cidades do Ceará, encontra-se em processo de beatificação, embora seja considerado santo pelos seus devotos já há muito tempo. É objeto de interesse de muitas áreas do conhecimento em âmbito nacional e internacional.



membros das famílias com o propósito de compor um arquivo oral com subsídios para a continuidade dos estudos que se daria durante o curso de doutoramento. Todos os sujeitos foram informados sobre padrão científico e metodológico da pesquisa em questão e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido exigido pelo CEP da UFCA, onde consta a permissão livre e voluntária para a exibição de imagens e informações.

Durante a realização da pesquisa aqui descrita aplicamos entrevistas semiestruturadas, desenvolvida em três blocos distintos, compostos por perguntas flexíveis, feitas em linguagem simples e refeitas quando houve necessidade.

Uma sequência de perguntas sobre a história, o cotidiano e as manifestações culturais foram apresentados aos entrevistados. As informações, imagens e sons coletados forneceram subsídios para o registro da história local em 123 cenas, compiladas em 76 minutos, contendo informações, imagens do cotidiano e das manifestações culturais da comunidade investigada, além de arquivos orais que deram margem à continuidade do estudo no doutorado na UFRN, junto a novos materiais coletados na segunda etapa do estudo.

O projeto teve financiamento próprio e contou com parcerias valiosas que, junto aos esforços empreendidos pela pesquisadora, ajudaram a aliviar os custos do filme, que foi apresentado à banca no dia 19 de novembro de 2018.

Busco, na segunda parte do estudo trazer os fragmentos ignorados; vozes silenciadas no percurso do estudo anterior pela necessidade de condensar o conteúdo para a produção do documentário Minguiriba. Utilizo como base o pensamento complexo de Edgar Morin e, através da arte, sigo as pegadas deixadas pelos romeiros fundantes do Minguiriba nas areias do tempo e utilizo o cinema, a poesia, a música e a literatura oral e escrita como ferramentas indispensáveis para a religação dos saberes construtores deste estudo.

Levo em consideração a minha crença de que “A literatura prepara-nos para a vida. Ela canaliza o movimento entre o real e o imaginário” (MORIN, 2013, p. 20). Durante a leitura de alguns textos literários, ou ao assistir filmes de ficção, é possível que alguém tenha se perguntado, assim como fiz, se é somente a arte que imita a vida ou o inverso também acontece. Frequentemente o que vemos nas telas de cinema, nas entrelinhas de textos em prosa e verso, ou nos interlúdios de notas musicais nos faz transcender e ver muito além do que as palavras podem dizer.

**Resultados e discussão:** A pesquisa foi realizada através da metodologia da história oral e do cinema etnográfico. Atingiu o propósito de documentar a história e as manifestações culturais da comunidade rural centenária do Sítio Serra da Minguiriba Floresta Nacional do Araripe, Crato - CE.

Um grupo de romeiros subiu a serra a pé, a mando do Padre Cícero, no dia 23 de junho de 1904. A voz da tradição repete as palavras do “padim” para os peregrinos: “Vá pra Chapada do Araripe plantar mandioca e feijão de pau. Pois, na Serra da Mãe de Deus ninguém passa fome”, conta Eva, uma das moradoras da comunidade.

Nas terras devolutas da Chapada do Araripe os romeiros do padre Cícero construíram casas de taipa cobertas com a palha do babaçu, distantes uma das outras, e pequenos barreiros para armazenar a água da chuva. Descobriram, também, há léguas de distância onde a água brotava das serras, entre os vales do Cariri, onde buscariam água no período de estiagem. Prepararam a terra e



plantaram abacaxi, mandioca, milho, feijão e café. Aprenderam a fazer a farinha da mandioca, a extrair o leite da janaguba, a fazer óleo do pequi, fruto nativo da floresta.

Nas segundas feiras, juntavam seus animais em comboio e seguiam, de madrugada, para a feira do Crato, onde vendiam os seus produtos. Foi nessas idas e vindas, que se tornaram tradição do povo da floresta, que, por um acaso da vida, inconscientemente, batizaram a comunidade de Minguiriba. Seu Pedro Honório contou, quando perguntamos se ele sabia a origem do nome:

Sei. Isso aí eu sei porque é que chama. É porque nessa estrada aqui do Belmonte. Pra ir pra serra de Santontoin, aqui, passando da Queimadinha era carrasco. Era uma mata! Os rancheiro vinha com farinha em costa de burro e montado. Farinha pra levar pra Juazeiro ou Crato. Quando sai da serra de Santontoi ou serra da Taboca. Alcançava uma fuga pros animais ali, na minguiriba. Minguiriba grande, minguiriba grossa... Fazia sombra e vinha prali. Aí os outros quando arrumava a carga que pegaro a trânsito pra essa Minguiriba. Essa, aqui mesmo, porque aí não tinha divisão nesse tempo não... Fulano onde tu vai botar o comboio abaixo? Vou botar na minguiriba. Era a fuga. Foi gerado a Minguiriba, o nome Minguiriba por isso. (Depoimento: Pedro Honório, 2017).

E assim a comunidade passou a ser Chamada de Minguiriba. Foi lá onde os jovens cresceram, casaram e se multiplicaram e, como índios em meio à mata selvagem, viveram felizes na Chapada do Araripe. Nos períodos de seca, quando não podiam viver da agricultura, havia a possibilidade de sobreviver através da fabricação de carvão, do corte de lenha, da caça de animais selvagens, do trabalho nas fazendas, etc. Mesmo em tempos de seca a floresta oferecia meios de sobrevivência para os seus moradores.

Respeito, fé e fidelidade às suas origens são lições repassadas através da oralidade e se exteriorizam através da manutenção das tradições religiosas que têm como carro chefe as Renovações do Sagrado Coração de Jesus, que, nesse sentido, se torna o traço mais forte de sua identidade.

A resistência da comunidade encontra refúgio na fé e se concretiza ao “Ouvir os ecos de suas tradições e reproduzi-los para avançar na distância do tempo rumo a eternidade” (OLIVEIRA, 2012, p.69) foi a forma que encontraram de assegurar a palavra dada pela sua ancestralidade. Esse ritual vem sendo passado adiante há mais de um século através da tradição oral. É através da oralidade que as palavras se tornam sementes da Minguiriba que, ao serem semeadas no solo da Chapada, frutificam e alimentam por gerações as famílias dos remanescentes dos romeiros fundadores que ficam, que vão e voltam para fortalecer a alma e dessa formam alimentam e dão vida a comunidade.

O entretenimento da população era realizado por intermédio dos costumes da religiosidade popular. Por falta de assistência da Igreja Católica, os moradores da floresta, após consagrarem suas casas ao Sagrado Coração de Jesus, passavam a realizar anualmente a Renovação do Sagrado Coração de Jesus<sup>6</sup> em uma grande festa com muita comida e bebidas para a família amigos e convidados. A banda cabaçal, composta por alguns jovens da comunidade, costumava se apresentar. Quando a Renovação era realizada em noite de São João, São Pedro, ou no Natal,

<sup>6</sup> Costume trazido da Europa por Padre Cícero Romão Batista no final do século XIX.



o Sagrado unia-se ao profano nas festas de forró, regada a bebidas quentes, churrasco e comidas típicas. Animadas pelo sanfoneiro, casais dançavam e se divertiam à luz do candeeiro, e, também, haviam leilões para animar a noite.

Em uma época não tão distante no tempo, quando ainda não havia estradas, nem carros a comunidade não esquece dificuldades que enfrentava para chegar aos grandes centros. “O acesso rodoviário a cidades de maior porte permite a população rural se abastecer a partir dos principais centros urbanos, ficando os distritos com oferta de produtos apenas para uso emergencial e ocasional (SILVA NETO, 2013, p. 86). A comunidade relembra do tempo quando acordava de madrugada para seguir para o Crato, com a farinha de mandioca, o feijão, o milho e outros produtos agrícolas para vender na feira. Chegavam na cidade pela manhã, retornavam no fim da tarde e só chegavam de madrugada em casa. A cidade citada fica apenas a meia hora, de carro, da comunidade, mas nessa época não haviam carros. A chegada dos veículos automotores na comunidade representou, ao nosso ver, a introdução da modernidade ao Minguiriba. Conta Rosa (moradora da comunidade) que no início só haviam três carros. Vinha da comunidade vizinha e pegavam os passageiros na beira da pista. “Tinha que sair 3 horas da manhã”. Essas memórias se misturam às histórias fantásticas e alimentam o imaginário popular da comunidade.

Através do imaginário rural os romeiros agricultores demonstram sua fé no Padre Cícero e em Deus e registram o seu cotidiano na chapada. Trabalhavam de sol a sol em suas pequenas propriedades, donos do seu próprio pedaço de terra. Para complementar a renda faziam trabalhos extras como a fabricação e venda de objetos de madeira, chapéus, coloral, remédios caseiros como o óleo de pequi, o leite de janaguba, dentre estes o couro do bode, que ainda hoje é utilizado na fabricação de cadeiras, ou fazendo “bicos” em fazendas do entorno. O trabalho nestas propriedades se assemelhava ao dos escravos. O que ganhavam mal dava para comer, pois a maior parte da produção pertencia aos donos da terra, considerado pelos moradores “os fortes”, classe em que sonhavam entrar, mas nunca conseguiram. Sua fé os sustentava na floresta.

Em 2022 escutei seu Pedro recitar um poema de sua autoria, com a memória um pouco confusa, pela idade avançada, teve a ajuda da filha Rosa, que o tinha, também, na ponta da língua:

Eu tinha muita mandiocaFazia muita farinha  
Possuía muita besta  
Um cavalo e uma potrinha  
Também tinha muito gado  
A vaca, uma bezerrinha  
Também tinha muito porco  
Criava muita galinha  
Também tinha muito negro  
Um negro e uma negrinha  
Deu um mofo na mandioca  
E a crueira na farinha  
Deu uma roda no cavalo  
E um escanho na potrinha  
Deu um mal triste na vaca  
Caruá na bezerrinha  
E deu um ronco nos porcos  
Um encruje nas galinhas  
E deu sarampo no negro



E catapora na negrinha  
Baixou a desgraça em riba  
E acabou tudo o que eu tinha.

Na imaginação do poeta ele volta a ser um “forte”, a dura realidade, no entanto o traz de volta para casa, e ele se vê, no final do poema, como o “fraco” que a vida o permitiu ser, mesmo com todo o trabalho. A oralidade de Pedro Honório traz na sonoridade de seus versos a sabedoria de uma vida. O analfabetismo não o impediu de construir versos originais capazes de despertar a imaginação do ouvinte/leitor e é capaz de nos transpor para um mundo novo, e completo.

Pedro Honório, como artesão da palavra, possui em sua “oficina” uma porção de palavras e sai catando, uma a uma e montando, em formas de rima, a fotografia de uma época. Esses versos representam a história de algumas famílias da Chapada que lutavam ano a ano para sustentar as poucas posses, até a chegada da seca que os levava de volta à estaca zero. Muitos tendo que deixar a vida no campo e sair em busca da sorte em outras regiões do país. Seu poema fala do passado, porém, na voz do seu filho visualizamos a realidade presente no dia a dia do agricultor contemporâneo.

Adelino se identifica como poeta, cantador e repentista, porém a profissão que traz do berço é a de agricultor, uma prática que passa de geração em geração, de pai para filho, como principal meio de sobrevivência do povo que encontrou abrigo e construiu seu lar na Floresta Nacional do Araripe. Com a mesma desenvoltura e intimidade que o agricultor segura o cabo de sua enxada, o cantador, Adelino, manuseia o seu cavaquinho.

### **O triste lamento da pobreza do Brasil<sup>7</sup>**

Meu Jesus pai amado, que sofreu martirizado / Foi pelos nossos pecado, morreu cravado na cruz.  
Dai-me força e pensamento, fortificai meu talento / pra mim cantar um lamento, de um pobre que não tem luz. / Quando nasce u'a criança, pra ele só tem bonança / A única esperança é ser querido dos pais. / Se for filho da riqueza, se for filho da pobreza nasceu pa sofrer demais.  
Quando nasce um filho pobre de um homem que num tem cobre / A sua sorte descobre logo no seu nascimento. / Se for filho da riqueza, vai gozar muita fineza / Se for filho da pobreza, começa seu sofrimento.

No oto dia cedinho, deixa chorando o filhinho, sai triste pelo caminho, vai à casa do patrão  
Disse patrão me favoreça, me arranje e não se aborreça / E o patrão abaixa a cabeça e diz não tenho nenhum tostão. / Volta o homem lamentando acha a mulher soluçando e o seu filhinho chorando por falta do alimento. / Um filhinho seu lá pum canto irmurecido, chorando com gemido, mamãe eu quero comer. / A mãe chorando pum canto, seu pai derramando os pranto / Dizendo quem sofre assim desse tanto, É muito melhor morrer.

Pega o franguinho derradeiro vende por poco dinheiro, compra a massa e sai ligeiro pensando no filho seu. / A fome lhe dando tapa, em casa faz uma papa, dá o filho e ele escapa pelos milagre de Deus.

Quando o ano é fracassado, quem tem não vende fiado, que até no alugado chega um dia a le faltar.  
O filhim necessitado chorando pelo bocado, e o triste homem coitado, sem ter aonde ir buscar.  
Quando o ano vem controlado, o patrão fica animado, oferece tudo fiado, que o pobezim precisar.  
Quando a safra está segura apresenta uma cara dura, e o sistema procura um meio de lhe enrolar.

<sup>7</sup> O poema apresenta características próprias da linguagem coloquial da comunidade Minguiriba que fogem as normas gramaticais.



Disse assim o seu roçado lhe deixou individual, vou cobrar pelo contato e não vou lhe passar canuto. Vou formar uma cilada, le mete na enrolada, o pobre fica sem nada e o patrão fica com tudo.

Só tem um dia marcado que o pobi é abraçado, querido e considerado no dia das inleição. Digo pra o governador, deputado e senador, que o pobre só tem valor na mesa da votação. Depois os governadores, deputado e senadores, Padre, juiz e doutores deste quadro varonil. Veja sem aborrecimento, sem orgulho e sem fingimento. São esse os triste lamento da pobreza do Brasil. (BIS)

**Fonte:** Créditos de letra e música de Adelino Carlos de Melo

Na prática as notas que saem das cordas vocais, porém, são mais afiadas que as que são dedilhadas nas cordas do violão: cortam o vento como uma faca afiada e rasga a alma do cantador num desabafo triste que lamenta a sorte do pobre homem do campo. Uma letra que para muitos diz pouco do que traduz aqueles que compartilham da mesma realidade. É necessário que seja feita a tradução de alguns termos para que o real significado do lamento seja entendido por aqueles que estão cegos para as dificuldades que enfrenta o homem do campo no Sítio Minguiriba. Traços identitários que se estendem, sem dúvida a tantos outros que habitam o nordeste do país.

O canto de Adelino apresenta a literatura popular em formato de cordel, com o diferencial que esse poeta, por necessidade, pega o seu cavaquinho e transforma sua identidade. Torna-se um “poeta cantador”, e, nas segundas feiras, na feira do Crato, entoa/canta versos de sua autoria, ou memorizados de outros artistas. Assim, também anima as Renovações e se diverte com a família, à sombra das mangueiras no terreiro de casa. O poeta nos apresenta em cantoria um poema que reflete a realidade da nova geração de agricultores. O poema abaixo foi fielmente transcrito, respeitando a linguagem simples do seu criador.

Nas linhas tristes do poema o canto triste do poeta retrata uma realidade comum aos agricultores da comunidade que passa por longos períodos de estio. Nem sempre conseguem que a colheita seja suficiente para todo o ano. Não são raras as vezes que passam necessidade. Antigamente passavam até fome.

As crianças trabalhavam desde os 6 anos de idade para ajudar os pais a garantir o sustento da família. Esta realidade modificou quando os mais velhos atingiram idade suficiente para se aposentar e passaram a garantir uma renda mensal e não somente o pouco que ganhavam fazendo “bicos” na vizinhança.

Outro fator que contribuiu para a mudança dessa triste realidade foi a implantação do projeto Bolsa família. Esta iniciativa do Governo Federal, que deu o direito aos filhos da Pátria de receber uma pequena quantia mensal, foi duramente criticada pela sociedade que desconhece as dificuldades das famílias carentes do país. Antes as crianças da comunidade eram miniaturas de adultos com obrigações de acordar cedo e trabalhar na roça, de sol a sol, para ajudar a botar a comida na mesa.

A memória coletiva da comunidade retrata um tempo de dificuldades e fome que faz os mais velhos afirmarem, categoricamente, que hoje o Minguiriba “é um Céu. É o paraíso!” Todos os pais são cadastrados no Bolsa Família e recebem do governo uma pequena quantia para manterem a educação formal dos filhos. Quando o inverno é bom o agricultor sente-se recompensado ao colher o fruto do seu trabalho.

Hoje as crianças do Minguiriba dedicam seu tempo à escola e podem



exercer o seu direito de ser criança, sem preocupar-se com os problemas da vida adulta, enquanto os pais podem contar com uma ajuda financeira extra para arcar com as despesas que a modernidade trouxe, e devem, irrevogavelmente, serem pagas no final do mês.

A cada seis meses o governo municipal envia agentes de saúde para fazer o acompanhamento das famílias do Minguiriba. As crianças e as mães que participam do Bolsa Família são pesadas e o cadastro é renovado, garantindo o recebimento de um valor X que, muitas vezes, é a única renda formal do qual dispõem. Pequenos galinheiros, pomares e hortas são mantidos nas residências como complemento da renda ou fonte de alimentos, porém, como dependem de água para serem mantidos, nem sempre é possível manter a prática por todo o ano.

A água é a maior riqueza e a falta de chuva traz dificuldades para os agricultores e moradores do campo. A comunidade Minguiriba não possui água corrente. Depende do armazenamento da água em alguns poucos barreiros que sobrevivem na localidade.

Algumas casas ganharam a cisterna calçadão, porém, as que possuem apenas uma pequena de 16 mil litros, não conseguem manter a horta durante o ano inteiro. A família de Seu Pedro Honório é uma delas. Ele diz que “Lula deu a cisterna, mas não deu a água. A água tem que arrumar com a defesa. De mês em mês, de dois em dois mês uma carradinha, cento e trinta reais. Agora na entrada do inverno, só agora de janeiro pra cá [...]” ele já comprou três carradas.

Projetos do governo lhes garantem um empréstimo no banco, mas, segundo o lamento do poeta, somente quando o inverno é promissor. Quando não há expectativa de lucro na plantação não há crédito e quando o crédito é liberado o agricultor sente que o banco o ludibriou porque fica com todo o lucro conseguido pelo agricultor no pagamento dos empréstimos realizados.

O cantador em nenhum momento identifica-se como o protagonista de sua narrativa, porém, sendo o poeta ágrafo e com pouco acesso à informação e essa a única realidade que conhece, fica claro que se refere a realidade presenciada em sua comunidade e no entorno. A consciência de que o valor do agricultor pobre está no voto e que os políticos só lhes dão atenção em épocas de eleição faz com que escutemos atentamente o seu lamento e nos deixa desejosos de procurar meios para que este seja ouvido.

Ouvir, porém, não será suficiente, pois a forma de falar do morador do Minguiriba é repleta de regionalismos locais que o diferencia até mesmo da cidade em que estão alocados, prejudicando assim a compreensão de sua mensagem, por essa razão foi necessário que fizéssemos um glossário de todas as narrativas gravadas em nossa pesquisa. Essa ação servirá como ponto de referência intelectual e cultural da comunidade e dará visibilidade a um povo esquecido que padece de necessidades básicas, direitos da coletividade, mas que são deixadas ao descaso pelas autoridades.

A tradição oral da comunidade endossa nossa opinião de que, na singeleza de suas vidas na floresta, os autores da literatura oral do Minguiriba produzem obras ricas em forma e sentido, trazem à tona suas memórias, ao mesmo tempo que representam suas identidades.

Os recortes aqui apresentados refletem momentos históricos, expressam a cultura do grupo e a interação existente entre o escritor, a sociedade e a época ao qual pertence. Contribuem com a representação identitária das comunidades rurais



da região do Cariri e podem servir de textos didáticos e despertar o sentimento de pertencimento de alunos e professores além de servir de material de pesquisas para áreas transdisciplinares voltadas ao estudo da sociedade como um todo.

**Considerações Finais:** A literatura oral, através da música e da poesia e da arte dos artistas da terra contribui, já há algumas décadas, com a aquisição da educação informal do nosso povo. A relevância da investigação atesta-se no fato de que o estudo tornou possível o registro da história da Comunidade Minguiriba através da memória dos idosos. Recuperou mais de 130 anos da história de resistência dos antepassados dos romeiros do Padre Cícero, moradores da FLONA, Crato-Ce, Brasil, que sobrevive na floresta até os dias atuais, sem a assistência do poder público.

Este estudo registra e preserva a história e a memória da comunidade Minguiriba, representadas pelas manifestações da cultura local e pelas festas religiosas. Ouvindo os moradores mais velhos foi possível compreender o valor da oralidade para as comunidades rurais da região do Cariri.

Os remanescentes dos romeiros do Padre Cícero compõem a poesia da vida e espalha sabedoria pelos caminhos da Chapada do Araripe fazendo da palavra sementes do bem viver. A comunidade Minguiriba retira do som da sua voz a força que precisa para enfrentar as adversidades da existência humana na terra. Semeia histórias de luta e de fé pelos caminhos da floresta e encontra forças na religiosidade popular e na fé no “padim” para lutar contra as dificuldades do dia a dia.

Abandonados pelo sistema foram apadrinhados pelo Padre Cícero e receberam de herança as Renovações do Sagrado Coração de Jesus, em torno da qual renovam anualmente seus laços com o Divino e seguem repassando a sua fé por quase sete gerações. A força da palavra percorre os quatro cantos da Serra da Mãe de Deus e ensina o alfabeto da alma através de um casamento entre o homem, a natureza e o Deus Criador.

Escondidos entre as matas, suas palavras apontam os caminhos por onde seguir e, de promessa em promessa seguem a vida em romaria eterna pagando pelos milagres alcançados com a resignação de que os pedidos não alcançados reverberam a vontade de Deus. Muitas das necessidades desse povo podem e devem ser analisadas e atendidas pelo poder público. Ao escutar suas histórias, suas poesias, seus cantos e provar o mel e o fel da vida da floresta

O documentário Minguiriba é um produto inovador e poderá advogar, nas mãos das lideranças locais, em defesa dos direitos garantidos pela Constituição Federal e quaisquer outras ameaças que, porventura, possa ameaçar a vida na localidade.

Este produto possui meios de expandir-se com rapidez e segurança, ficando à disposição, de agora em diante para as futuras gerações, sem delimitação de tempo de uso, ou seja, sem prazo de validade. Pode ser utilizado, copiado e preservado em ambientes virtuais, sem custo para a manutenção, tendo em vista o seu caráter digital. Através das redes sociais e da internet o documentário Minguiriba servirá de veículo e poderá levar a história e a voz da comunidade para todos os recantos possíveis do mundo.



## Referências:

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. 2. Ed. rev. e ampl.- São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.

BÂ, Amadou Hampâté. **A tradição viva**. In: ZERBO, Joseph Ki (org). História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.

ESTÉS, Clarice Pinkola. **O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2013.

HONNETH, Axel. **La Société du mépris. Vers une nouvelle théorie critique**. Traduzido do alemão para o francês por Olivier Voirol, Pierre Rusch e Alexandre Dupeyrix. Paris: Éditions La Découverte, 2006, 2004.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

\_\_\_\_\_. **Sete saberes necessários à educação do futuro**. UNESCO. Cortez Editora. São Paulo - SP, 1999.

\_\_\_\_\_. **Meu Caminho**: entrevistas com Djénane Kareh Tager. Rio De Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MUNDURUKU, Daniel. **Memórias de Índio: Uma quase autobiografia**. Ilustração Rita Carelli. 1 ed. Porto Alegre RS: Edelbra, 2016.

OLIVEIRA, Josineide Silveira. **O Sagrado como semeador de estratégias do Viver**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife – PE: 2012.

SILVA NETO, Basílio. **Perda da vegetação natural na Chapada do Araripe (1975/2007) no Estado do Ceará**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG), Universidade Estadual Paulista, Rio Claro - SP: 2013.

TOMÁS, Júlia. **A invisibilidade social, uma construção retórica**. CECS – Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade Universidade do Minho, 2012.